

CHEGADAS E PARTIDAS: O ESTÁDIO COMO ELEMENTO MEMORIAL PARA OS TORCEDORES DO SAN LORENZO E WEST HAM

Recebido em:24/12/2018

Aceito em: 22/09/2019

*Pedro Jorge Lo Duca Vasconcellos*¹

*Andréa Lopes da Costa Vieira*²

*Jéssica Maria de Vasconcellos Santana Hipolito*³

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

*José Jairo Vieira*⁴

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo analisar, comparativamente, relações de territorialidade construídas em torno dos estádios San Lorenzo (Buenos Aires) e West Ham (Londres), consideradas sob perspectiva histórica. Embora tenham se constituído como equipamentos materiais e simbólicos, nos quais gerações vivenciaram experiências e estabeleceram redes de sociabilidade, recentemente passaram por mudanças significativas: o projeto de retorno do San Lorenzo ao Viejo Gasómetro, ativando a memória da ditadura argentina e a partida do West Ham para o Estádio Olímpico, após mais de 100 anos no Upton Park. Neste sentido, pretende-se, através de análise das narrativas memoriais produzidas na mídia escrita, analisar a maneira pela qual os agentes acionam o elemento memorial para referir-se aos estádios como monumentos afetivos e marcas territoriais.

PALAVRAS CHAVE: Memória Social. Estádios. San Lorenzo. West Ham.

ARRIVALS AND DEPARTURES: THE STADIUM AS A MEMORIAL ELEMENT FOR THE FANS OF SAN LORENZO AND WEST HAM

ABSTRACT: This work has for objective to analyze comparatively territoriality relationships built around the stadiums of San Lorenzo (Buenos Aires) and West Ham

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGMS/UNIRIO).

² Professora Doutora no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGMS/UNIRIO).

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGMS/UNIRIO)

⁴ Professor Doutor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

(London) considered under historical perspective. Although they have been constituted as material and symbolic equipment, where generations have gone through experiences and established social networks, they recently went through significant changes: the project of return of the San Lorenzo to the Viejo Gasómetro, activating the memory of the Argentine dictatorship and the departure of the West Ham to the Olympic Stadium after more than 100 years at Upton Park. In this sense, it is intended, through analysis of the narratives memorials produced in written media, analyze the way in which the agents trigger the memorial element to refer to the stadiums as affective monuments and territorial markings.

KEYWORDS: Memory. Stadiums. San Lorenzo. West Ham.

Buenos e Londres: Uma Geografia do Pertencimento

Na contemporaneidade, não é incomum que os processos resultantes da globalização apareçam descritos como fenômenos devastadores de espaços, sociabilidades territorializadas, histórias de vida de indivíduos e agrupamentos locais. Nesse sentido, as cidades, diante da intensa circulação de objetos, pessoas, ideias, perderiam sua personalidade e identidade, transformando-se em territórios atravessados por “*não-lugares*” (cf. AUGÉ, 2005), definidos assim por representarem locais esvaziados de significados e incapazes de mobilizar experiências numa sociedade em crise de representação.

No campo esportivo, esse quadro encontraria sua metonímia no futebol, onde campeonatos, federações, clubes, jogadores, torcidas e estádios movimentariam um montante infindável de recursos por incentivo de patrocínios, vendas de jogadores, financiamentos de transmissões das mídias. Com isso, o universo do futebol perderia seu sentido local, comunitário, em nome da mercantilização do espetáculo global dos grandes campeonatos.

No entanto, essa visão apocalíptica encontra seus limites. Os casos de Buenos Aires e Londres se configuram como cidades onde, historicamente, clubes e seus

estádios espalham-se por diversos quadrantes de seu espaço geográfico, estruturando assim uma conformação sociocultural que revela a proeminência do território enquanto paradigma forjador de identidades individuais e coletivas. Por esta particularidade cartográfica, formou-se desde tempos remotos uma relação de rivalidades, cuja dinâmica dos confrontos entre mandantes e visitantes possui fortes significados num espaço fraturado por laços de pertencimento territorial.

Na paisagem de fragmentadas territorialidades afetivas, com forte carga identitária, os estádios projetam-se como lugares privilegiados de centralidade material e simbólica que desafiam o tempo e desempenham papéis ambivalentes na demarcação de sua geografia real e imaginária para os grupos: espaço de segurança e acolhimento – topofílicos⁵ – para aqueles que compartilham a paixão pelo clube mandante, o dono do “pedaço” (cf. MAGNANI, 2012), vivenciado e evocado como lar, na medida em que é reconhecido por um grupo social como algo que lhe é próprio, associado à sua história e, portanto, capaz de definir sua identidade; por outro lado, desperta a desconfiança e o estranhamento – espaços topofóbicos – para aqueles que surgem nesse cenário de rivalidade como a figura do visitante, por mais próximo que esteja geograficamente.

Dentre tantos casos envolvendo laços de sociabilidade e construção de identidades locais intermediadas pelas experiências nos estádios e ao seu redor, dois tornaram-se muito marcantes nos últimos anos: San Lorenzo, em Buenos Aires, e West Ham, em Londres. Estes dois clubes atravessam, contemporaneamente, trajetórias diametralmente opostas: enquanto o primeiro, após anos de reivindicações organizadas pelos seus torcedores, pensa no retorno ao terreno onde se localizava seu antigo estádio,

⁵ Esta categoria analítica, em um sentido amplo, foi aplicada pelo geógrafo Yi FuTuan (2012), para tratar dos laços afetivos dos seres humanos com os ambientes que moldam suas vidas, conferindo significados e estabelecendo relações que ocupam o imaginário social. No caso específico dos estádios, os termos “topofílico” e “topofóbico” foram abordados por John Bale (2003).

o segundo, inserido num mercado multimilionário do futebol inglês, despede-se do seu sob o signo das vantagens econômicas que a mudança promete trazer num cenário de intensa competição.

Nesse cenário, a memória social encontra sua relevância, na medida em que opera como um armazenador de imagens, sons, emoções, sensações, significados, num incessante processo de seleção e construção na intersubjetividade. Nesse sentido, Halbwachs (2003) carrega o mérito de realizar uma análise inaugural da memória coletiva como um trabalho de resgate do esquecimento passado e, assim, referenciar a identidade comunitária por meio de um conjunto organizado de representações partilhadas que daria sentido àqueles inseridos na comunidade. Essa rememoração social desempenharia o papel imperativo de sobrevivência e afirmação dos grupos. Contudo, sua contribuição teórica pioneira desenvolve os atributos da memória enquanto elemento de aglutinação consensual, secundarizando o papel dos conflitos de memória aparecem posteriormente.

Por outro lado, mais recentemente, percorrendo pelas vielas das batalhas memoriais, o trabalho de Pollak (1992) assinala que os elementos constituintes da memória e da identidade social seriam três: os *personagens*, aqueles que, de modo direto ou por tabela, inspiram o imaginário das pessoas e dos grupos, criando uma espécie de reverência afetiva; os *acontecimentos*, vividos pessoal e coletivamente ou por meio de narrativas fora do espaço-tempo, que possuem uma potência aglutinadora no imaginário coletivo, fazendo com que as pessoas sintam-se parte integrante da coletividade; por fim, o autor aborda a questão dos *lugares*, aqueles pontos de referência, próximos ou distantes, que se consagram como suporte material e simbólico para a memória e o sentimento de pertencimento do grupo.

Esses elementos formam um emaranhado de significados que dão sentido, no plano particular e coletivo, a “determinada imagem de si próprias”, constituindo-se uma identidade coletiva em que os grupos sociais procuram arquitetar, num momento específico, o esforço para a formação de um “sentimento de unidade, continuidade e de coerência”, num constante processo de reconstrução de si, que, como apontou, não está “isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros” (POLLAK, 1992, p. 204-07). Esse movimento ganha colorações mais efervescentes nos momentos de transformações, em que o uso da memória entra em cena, não como culto de sacralização limitado a reproduzir um passado tal qual fora uma época, mas para ativar princípios de ação política e constituição de identidade. Este fenômeno intensifica-se nas sociedades contemporâneas e se insere naquilo que Huyssen (2000) definiu como "boom da memória".

Portanto, a proposta deste trabalho baseia-se num estudo comparativo entre esses dois cenários descritos por meio da seleção e análise do que foi noticiado pelos jornais (impressos e virtual) nos períodos mais efervescentes desses acontecimentos – para o caso do San Lorenzo entre os anos de 2012 e 2016 e com o West Ham entre 2015 e 2017 –, buscando compreender a atuação da memória dos indivíduos e grupos envolvidos, um dos elementos regularmente ativados pelas narrativas da imprensa e mídia. Para isso, cabe ressaltar o papel cada vez mais importante dos materiais jornalísticos como fontes privilegiadas de registros históricos para a análise e compreensão de trabalhos acadêmicos no campo das ciências humanas (CF. HELAL, 2005). Além disso, em termos metodológicos, os estudos comparados se mostram um instrumento de análise fundamental de pesquisa, por possibilitar aproximações e antagonismos entre sociedades humanas distintas e/ou separadas no tempo e no espaço

e também estabelecer uma comunicação possível entre diferentes contextos históricos que até então poderiam imaginar-se deslocados (cf. VEYNE, 2008). Desse modo, o estudo comparativo permite estabelecer a diversificação e a singularidade daquilo que pareça, a priori, empiricamente diferente ou semelhante.

A Memória como Dever: O Retorno dos *Cuervos* à “Terra Santa”

Quando o Clube Atlético San Lorenzo de Almagro conquista algum título, seus torcedores costumam reunir-se em frente a um hipermercado internacional para celebrar o acontecimento com uma grande festa. Mesmo quando o triunfo final ocorre em seu próprio estádio, no bairro Bajo Flores, os torcedores deslocam-se para aquele local, no bairro vizinho Boedo, que, aparentemente, não encontra correspondência imediata com o futebol. No entanto, essa estranha ritualização coletiva possui um sentido explicativo.

Até o final da década de 1970, ali onde hoje se encontra o hipermercado estava o antigo estádio do clube, chamado Gasómetro. No entanto, na vigência do regime militar, sob a alegação de questão tributária, o San Lorenzo viu-se obrigado a vender seu antigo estádio, localizado na Av. La Plata 1700 desde os anos 1920, sendo inclusive por diversas ocasiões utilizado pela seleção nacional. Este evento poderia não encontrar tanta repercussão não fossem dois motivos: a) ter acontecido num contexto de estado de exceção na vida política argentina, com efeitos sociais de reconhecida potência para a sociedade até os dias atuais e; b) sua ocorrência localizar-se numa ambiência sociocultural na qual os estádios de futebol possuem uma semântica que ultrapassam sua materialidade destinada à realização de jogos, mas como espaço de afetos e ritualidades que envolvem o pertencimento dos grupos e, ao mesmo tempo, de intimidação simbólica aos adversários.

Numa cidade onde o futebol se estabeleceu como uma manifestação social e cultural concentrada nos bairros – trazendo colorações identitárias diversas numa topografia homogeneizada que lembra o formato quadricular de um tabuleiro de xadrez –, os clubes e seus estádios, criados no começo do século XX, assumem uma importância física e simbólica para seus bairros, porquanto se sedimentaram ao longo de décadas como nexos conjuntivos de confraternização entre a comunidade de torcedores e o território local, estabelecendo certos códigos sociais e culturais transmitidos por gerações (cf. GORELIK, 1999). A história social das configurações espaciais do futebol portenho foi extensamente trabalhada por Frydenberg, debruçando-se sobre os processos de arrendamento dos campos de futebol pelos clubes na primeira metade do século XX e a construção das identidades territoriais. Segundo sua argumentação, “os anos 1920 e 1930 são os momentos do nascimento do imaginário bairrista e dos próprios bairros” (FRYDENBERG, 2010, p. 183).

Nesse cenário historicamente constituído por microterritorialidades culturais, cuja dinâmica de rivalidades se baseia numa extensa rede de clubes atuando num sistema de oposições entre mandantes (estar em casa, no próprio bairro) e visitantes (fora de casa, no bairro vizinho), a perda do Gasómetro resultou num duro golpe para seus torcedores, que nos anos seguintes assumiriam uma condição nomádica jogando por empréstimo em diversos campos (e bairros) de seus rivais de Buenos Aires.

Embora tenha concluído, em 1993, um novo estádio – Nuevo Gasómetro – no bairro Bajo Flores, não tão distante de Boedo e onde o clube conquistou seus títulos mais importantes, os torcedores *cuervos* (como são popularmente conhecidos) nunca se conformaram com a partida e o completo desmonte do antigo estádio no bairro tradicionalmente vinculado ao clube e seus torcedores, que teceram ali redes de

sociabilidade por meio de práticas sociais cotidianas ligadas ao clube e seu estádios – não apenas centrada no futebol, mas também em outras manifestações tais como os carnavais, as festas comunitárias e outros eventos esportivos. O que reforça ainda mais o sentimento de indignação é o fato de ali onde se encontrava o Gasómetro, ao contrário do que havia sido argumentado pelo regime militar, não foram construídas as casas populares e nem uma avenida que tornasse o fluxo de trânsito mais eficiente. Em vez disso, no terreno de muitas histórias que moldaram as reminiscências dos torcedores do San Lorenzo, ergueu-se um grande hipermercado de uma multinacional francesa que buscava expandir sua marca no país, instalando ali sua primeira sede.

Além disso, adicionando ingredientes característicos das sociedades contemporâneas, na era da globalização econômica, o enfraquecimento do Estado na promoção de relatos nacionais acirrou os comportamentos comunitaristas na sociedade civil, sendo evidenciado esse fenômeno no futebol argentino a partir dos anos 1990 com suas maiores demonstrações de afirmação pela defesa da dimensão localista (cf. ALABARCES, 2002). Esse processo ganhou contornos mais claros quando torcedores realizaram manifestações contra a privatização dos clubes, que passavam por uma grave crise financeira.

Foi nessa conjuntura que, a partir dos primeiros anos após a virada do século, Adolfo Resnik e outros torcedores começaram a se mobilizar com o intuito de consolidar um movimento, cuja bandeira seria o retorno ao antigo terreno da Av. La Plata. Foi então que a subcomissão de torcedores (Subcomisión del Hinchas), formada em 2005, apresentou em novembro 2011 na Legislatura de Buenos Aires um projeto de lei denominado como “Restituição Histórica”, exigindo que o Estado reconhecesse o prejuízo material e simbólico sofrido pelo clube e seus torcedores durante a ditadura

militar com a perda do antigo estádio. Uma das passagens do projeto, apresentada pelo jornal *La Nación* de 11 de março de 2012, afirma ter este acontecimento desencadeado “a ruptura e a fragmentação da memória sócio-espacial de Boedo”. Por isso, a reivindicação da organização consistiria numa “reparação histórica ao bairro e ao Club Atlético San Lorenzo de Almagro” (UN, 2012. Tradução dos autores).

Dentre as inúmeras manifestações, que contam com a presença de faixas, cartazes e escritos nos muros e no chão, uma mensagem emitida na mureta do estabelecimento comercial estipula a associação entre o regime militar e uma multinacional: “Carrefour = ditadura”, a despeito de a empresa afirmar ter sido o terreno adquirido “em total boa fé no ano de 1985, em plena vigência da democracia” (CARREFOUR, 2012. Tradução dos autores).

Essa narrativa da perda transformada em política da memória é reveladora de dois movimentos: o primeiro se refere à maneira pela qual a “Argentina de hoje, apesar de suas dificuldades econômicas, tem os mais intensos debates sobre a memória entre os países latino-americanos que foram atormentados pelas campanhas militares de repressão, tortura e assassinato” (HUYSEN, 2014, p. 161); o segundo ponto expressa o nível de representatividade desse espaço no imaginário de seus torcedores enquanto equipamento sociocultural que por décadas foi o epicentro de convivência social e de um sentimento de pertencimento, atualizado por meio de práticas rituais não apenas em dias de jogos, mas no dia a dia da vida do bairro.

Enquanto o projeto não era acolhido e votado pela Legislatura, os torcedores mobilizaram-se para expressar o desejo pelo retorno. Em março de 2012, milhares de pessoas reuniram-se nas ruas de Buenos Aires para promover uma passeata que partiu do bairro Boedo com destino à Praça de Maio, palco das grandes manifestações

políticas da capital argentina. Aquela aglomeração multitudinária, contando com personagens da vida política e da mídia nos palanques, trazia como reivindicação uníssona o lema “vamos voltar a Boedo”, considerado por aquelas pessoas uma espécie de local sagrado, um lar que ocupa posição central na construção de sua identidade cultural.

Com o título “Lo salva la gente”, o jornal Olé! de 08 de março de 2012 destaca a presença de cerca de 100 mil pessoas que clamavam pelo apoio dos políticos à reivindicação pela volta do estádio ao bairro de origem do clube. Já o periódico Clarín, na mesma data, ressalta que este evento superou largamente as marchas anteriores e traz em seu título “Uma multidão para clamar o histórico retorno a Boedo” (UNA, 2012. Tradução dos autores) e descreve dessa maneira a potência coletiva deste acontecimento:

Essa praça que conserva em sua terra um pedaço importante da história argentina. Essa praça que foi testemunho de momentos de glória e de outros tristemente recordados. E essa Praça de Maio, símbolo dos pedidos de justiça em tempo injustos do país, foi o cenário eleito pelo torcedor do San Lorenzo para que seu grito multiplicado por milhares ressoe em todo o território nacional e ultrapasse fronteiras. A reivindicação para recuperar as terras de Avenina La Plata 1700, onde se situava o velho Gasómetro, chegou na tarde de ontem a seu ponto máximo quando mais de 100 mil almas, segundo o cálculo dos organizadores, inundaram o centro de Buenos Aires com um único desejo: voltar a Boedo [...]. O 8M [8 de maio de 2012] deixou claro que esse grito de “Vamos voltar” não é um capricho; é um pedido de justiça. A Praça de Maio foi testemunha (Ibidem).

No bojo desse movimento, outras manifestações de potência coletiva surgiram para evidenciar os laços de pertencimento dos torcedores com o bairro e o clube, como o Grupo Artístico de Boedo Roberto Arlt⁶, que atua na confecção de murais espalhados por todo bairro onde são destacados elementos de valor cultural reconhecidos pela

⁶Ver mais detalhes dos trabalhos muralistas do Grupo Artístico de Boedo em: <https://www.artisticoboedo.com/index.html> Acesso em: maio 2017.

coletividade como expressões da identidade local. A ênfase do grupo direciona-se para as representações imagéticas do clube e seus símbolos, destacando jogadores, personagens populares, a torcida, seus mascotes e, evidentemente, o antigo estádio. Essas formas ritualizadas de encenar uma memória social dos grupos carregam seus efeitos sociais, na medida em que “servem à expressão e continuidade da memória, são rituais de tentativa de preservação da identidade cultural e social de um povo – ou de uma parcela deste povo” (NEVES, 2003, p. 45).

Nesse ponto, Pollak (1989) aponta como a construção de memória se desenvolve como uma prática política em que os grupos promovem a seleção de elementos do passado que respondam aos anseios do presente, para que a representação identitária seja mantida de modo coeso e coerente, para que sua continuidade seja garantida. Assim, as “memórias subterrâneas” entram em cena, privilegiando a narrativa dos excluídos, dos marginalizados, daqueles que participam de culturas minoritárias que se opõem à memória oficial, hegemônica. Estas batalhas pela memória, com suas ritualizações e disputas narrativas no espaço público, aparecem com maior ênfase nas sociedades contemporâneas.

No caso da Argentina, em uma perspectiva mais ampla, formas de memória política organizada emergem com maior ênfase após o fim da ditadura militar, em meados da década de 1980, exemplificado pelas Madres de la Plaza de Mayo. A despeito da lei de anistia proposta pelo ex-presidente Carlos Menem nos anos 1990, buscando trazer um momento de calmaria consensual ao regime democrático, esses movimentos de reparação retomaram fôlego nos governos Kirchner, após a derrubada desse dispositivo do esquecimento, o que promoveu a ascensão novos atores e suportes

sociais nos debates sobre a memória política nos países que vivenciaram regimes de exceção (cf. LIFSCHITZ; GRISALES, 2012).

A emergência destas memórias subterrâneas ficam sob a responsabilidade daqueles que Elizabeth Jelin (2002) categorizou como “agentes da memória”, isto é, personagens (individuais e coletivas) que desempenham um papel decisivo no aspecto de organização e construção de estratégias políticas e discursivas sobre a memória diante do Estado e de diversos atores sociais (sociedade civil, ONG’s, outros coletivos etc.).

No que tange aos movimentos em torno do San Lorenzo, muitos agentes participaram deste projeto de retorno ao antigo bairro, desde figuras simbólicas com forte ligação afetiva com o clube, casos do Papa Francisco e do ator Viggo Mortensen, até personagens que atuaram numa dimensão política mais concreta, como o apresentador de televisão Marcelo Tinelli e do já mencionado Adolfo Renski. Este último, em entrevista ao diário Olé, afirmou que o projeto surgiu ao final dos anos 1990 quando, ao lado de seu irmão, resolveu explorar a história do bairro Boedo. Após comentar as dificuldades e estratégias para criar e fazer o projeto ganhar força, destaca a importância da pressão popular por meio das marchas de protesto:

Foram necessários pelo que representava como estratégia de pressão quando vimos que algo recuava. A primeira manifestação massiva foi de 20.000 pessoas na rua Perú, quando vimos que o poderes oficiais não estavam dando atenção ao projeto. Depois viria a de 40.000 e outra na embaixada da França, de 7.000: levamos um pedido ao embaixador, ia jogar para o Carrefour. A ideia era internacionalizar o gesto. Fizeram notas sobre isso até na BBC... Nesse dia começamos a falar da marcha da Praça [de Maio] (ÉS, 2016. Tradução dos autores).

Nesse contexto, a potência destes movimentos pela restituição do terreno de Boedo tornou-se mais ilustrativa no momento em que a Legislatura de Buenos Aires resolveu, em novembro de 2012, acatar e votar a lei de Restituição Histórica, aprovando

o projeto por unanimidade – por 50 votos a zero. Enquanto os jornais *La Nación* e *Clarín* destacam de maneira sóbria o acontecimento, o *Olé* parece ser mais efusivo em sua narrativa, com o título “A Boedo volto!” e no subtítulo aponta que “o Legislativo votou por unanimidade a Lei de Restituição Histórica diante de mais de 6.000 fãs. A utopia é realidade...” (BERALDO, 2012. Tradução dos autores).

A partir desta aprovação, a comissão diretiva do clube e a multinacional francesa entrariam em negociação até que fosse alcançado um acordo financeiro para o regresso do clube. Após anos de intensas conversas e propostas, impulsionada por uma forte campanha junto aos torcedores para aquisição de metros quadrados do terreno, em dezembro de 2015 ficou acertada a proposta definitiva do clube para a compra do terreno e, desse modo, o hipermercado deverá retirar-se daquela área de recordações para os torcedores do clube, que apresentou um novo projeto para a construção de um estádio.

No entanto, a construção social da memória está assentada num campo conflituoso de discursos e narrativas que revelam as tensões entre grupos e suas demandas. Assim, nem todos os relatos e memórias encontram-se em sintonia pelo retorno a Boedo. O urbanista Roberto Converti, por exemplo, argumenta que “a questão com os campos em plena zona urbana é o controle dos problemas que pode ocasionar, como a violência, o vandalismo e o trânsito [...] é uma boa ocasião para fazer uma consulta pública com os vizinhos, porque eles seriam os mais prejudicados” (NOVILLO, 2015. Tradução dos autores). Mediante esse panorama da iminente volta do clube ao antigo terreno, os discursos contrários à reconstrução do estádio retomam um imaginário da violência ligado aos *barrabravas*, agrupamentos de torcedores que utilizam métodos violentos de imposição física e simbólica sobre seus rivais. Arma-se

assim uma arena de disputas representacionais acerca do que merece ser lembrar e ser esquecido, de acordo com a percepção de cada indivíduo e grupo acerca deste evento.

Ainda que toda uma geração de torcedores não tenha vivenciado as experiências no antigo estádio, a memória (sobretudo aquela traumática) transmitida de geração a geração desempenha seu papel para garantir o sentimento de continuidade e de coerência para a permanente reconstrução e manutenção da identidade social do grupo de torcedores, como se pode observar no relato de uma torcedora ao afirmar que “sou *cuerva* desde pequena porque meu pai era torcedor. Lamentavelmente não conheci o Gasómetro de Av. La Plata, mas agora tenho ido assistir aos jogos no campo do San Lorenzo e espero conhecer logo o novo estádio em Boedo” (DADOS, 2016. Tradução dos autores). Mais adiante, ela acrescenta que “estou muito animada com a volta, voltar para casa, para o lugar que pertence ao clube, ao bairro e ao povo” (Ibidem). Nesse ponto, remetemo-nos àquilo que Pollak definiu como as “memórias vividas por tabela”, isto é, aqueles acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer, acontecimentos dos quais a pessoa nem necessariamente tenha participado mas que “no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p. 211).

Na mesma matéria do jornal, Juan Antonio, outro torcedor, segue o mesmo diapasão, ao afirmar que “eu sempre senti falta da Avenida La Plata. Nós somos de lá, não de Bajo Flores... É o mesmo que tirarem [Rosario] Central ou Newell’s [Old Boys] de Rosario, ou levar o Boca para Ituzaingó: eles perderiam sua identidade” (Op.cit, DADOS, 2016. Tradução dos autores). Com esta declaração, Juan Antonio reafirma a relação dos clubes com seus bairros que permeia o imaginário dos torcedores portenhos nas formas de forjar seu sentimento de pertencimento. Desse modo, defender, preservar

e lutar pelo reconhecimento público desse patrimônio significa lutar pela própria existência e permanência social e cultural dos grupos. Esse movimento ganhou força a partir dos anos 1980 na Argentina, momento em que as discussões sobre as mazelas e reparações do período ditatorial invadiram a agenda dos movimentos sociais contra o esquecimento público.

Por todos esses componentes, a luta pelo retorno a Boedo decorre não apenas do sentimento nostálgico enquanto melancolia pelo afastamento da “terra santa”, como se referem seus torcedores, e ali reviver um futebol idealizado de outros tempos. Mas, pela produção de uma autoconsciência coletiva ansiosa pela restituição material e simbólica de um espaço social e suas práticas coletivas retirados em tempos de estado de exceção. Impulsionada pelo dever de memória, toda a dimensão de expressividade em torno do clube, seu antigo estádio e o bairro evidenciam a importância que os trabalhos de memória possuem para dar legitimidade às construções discursivas e às ações populares na arena pública, colocando em jogo a sobrevivência dos grupos sociais e suas identidades culturais no territorializado futebol portenho. Neste sentido, a história do San Lorenzo demonstra o modo pelo qual a memória coletiva refere-se menos a uma produção social espontânea entre indivíduos isolados do que a um conjunto de práticas seletivas elaborada por diversos atores. A memória é acionada menos em nome de uma restituição fiel do passado do que como uma reconstrução, continuamente atualizada e ritualizada do mesmo, por meio de uma série de estratégias de sua utilização em nome das demandas do presente.

O Estádio como Fonte Financeira: Os *Hammers* partem de Boleyn Ground

Enquanto os torcedores do San Lorenzo se preparam para o tão sonhado retorno à “terra santa”, em outro ponto onde o futebol se faz expressão territorial e afetiva, Londres, aficionados do clube West Ham percorrem trajetória oposta: a mudança para um novo estádio em outra parte da cidade, rompendo uma história centenária de vivências e experiências no estádio Boleyn Ground (ou Upton Park) na região londrina de East End.

A lógica que conforma as rivalidades históricas no futebol da capital inglesa se assemelha àquela percebida em Buenos Aires. Este modelo de disputas locais envolvendo clubes e sua comunidade de torcedores está ainda muito presente no futebol da cidade, sendo uma de suas características mais notáveis. Contudo, algumas considerações precisam ser referidas acerca das acentuadas transformações no futebol inglês das últimas décadas que se conectam com mudanças mais amplas na natureza social e nos modos de produção da sociedade inglesa, impactando na maneira de se relacionar com o universo do futebol e na fisionomia dos estádios.

Produtos materiais e simbólicos das transformações socioeconômicas promovidas pela Revolução Industrial e da expansão cultural da vida urbana na segunda metade do século XIX, os estádios ingleses foram, por longo período, espaços privilegiados das manifestações da classe trabalhadora em sua expressão de identidade e cidadania, cujos laços sociais construíram uma forte estrutura de sentimento com seu local, clube e jogadores, em muitos casos percebidos como heróis dos trabalhadores (c.f. CRITCHER, 1979).

No entanto, em poucas décadas, sob o efeito da crise econômica global do petróleo dos anos 1970 e seus desdobramentos nas várias esferas sociais – com ênfase

na contumaz crítica político-ideológica ao até então bem-sucedido modelo de proteção social britânico – os modos de produção, as relações sociais e o papel do Estado nacional passam por profundas mudanças que não deixariam de causar impacto material e simbólico na sociedade inglesa em geral e na estrutura do futebol do país em particular, sobretudo na virada dos anos 1980-90, como resultado da reedição de um pensamento liberal (neoliberalismo empresarial) de prevalência individualista e da redefinição do lugar do trabalho assalariado na sociedade pós-industrial. Anderson define que a necessidade encontrada pelos políticos de inspiração neoliberal estava numa “disciplina orçamentária, com a contenção dos gastos com bem-estar, e a restauração da ‘taxa natural’ de desemprego” (ANDERSON, 1995, p. 10).

No cenário das cidades globais, as fábricas se dispersam para as zonas periféricas em detrimento de uma economia capitalista de serviços e sistemas comunicacionais no centro, sendo Londres uma das principais capitais desse projeto. O neoliberalismo se apresenta nesse período como um movimento que impacta o mundo com suas “reformas institucionais e ajustamentos discursivos”, impondo mudanças nas estruturas e poderes institucionais que atingem violentamente “força de trabalho, relações sociais, políticas de bem-estar social, arranjos tecnológicos, modos de vida, pertencimento à terra, hábitos afetivos, modos de pensar e outros mais (HARVEY, 2006, p.1).

A partir destas metamorfoses nas mais variadas esferas da existência, portanto, nota-se a emergência de uma lógica de estádio guiada pela oferta de serviços que recebam consumidores dispostos a desembolsarem altos soldos para assistir aos jogos e adquirirem produtos que sustentem a marca do clube. Pelas mãos da primeira-ministra Margareth Thatcher, estes equipamentos sofreriam alterações em sua estrutura

arquitetônica que deixariam marcas nas relações sociais estabelecidas coletivamente no interior destes espaços socioculturais ao longo de décadas.

Nos anos 1980, vale destacar, uma sequência de eventos trágicos afetou a vida dos torcedores ingleses: as constantes brigas entre hooligans nas arquibancadas, como na famosa batalha campal entre torcedores dos clubes Millwall, rival londrino do West Ham, e Luton, de Bedfordshire; o incêndio no estádio do clube Bradford, com a morte de mais de 50 pessoas; por fim, esses desastres teriam seu ápice no de 1989, no estádio de Hillsborough, quando 96 torcedores do Liverpool morreram esmagados nos muros de contenção por conta da superlotação permitida pelos responsáveis pela partida, sobretudo a polícia.

Após estes acontecimentos, abriu-se caminho para que uma reformulação fosse implementada. Com isso, um relatório encomendado pelas autoridades britânicas empreendeu uma análise estrutural dos estádios ingleses e sugeriu mudanças a serem implantadas. O observador Peter Taylor apresentou algumas propostas emergenciais para que o futebol no país não passasse por mais tragédias como aquela de Hillsborough. Dentre as exigências elencadas, havia uma que seria decisiva para os rumos dos estádios, com suas imediatas consequências globais: a obrigatoriedade das cadeiras individuais em todos os pontos dos estádios, de modo a evitar que o público assistente não mais se posicionasse de pé para acompanhar aos jogos. Para Taylor, “permanecer sentado durante a totalidade da partida é mais confortável. Também é mais seguro. Quando um espectador está sentado ele possui sua pequena porção de território em cujos limites pode sentir-se relativamente seguro” (TAYLOR, 1990, p. 12. Tradução dos autores).

Tais intervenções foram rapidamente acompanhadas pela injeção de capital no torneio nacional, pela introdução dos carnês para toda a temporada do campeonato e pelo maior interesse das emissoras de televisão em transmitir as partidas, dando maior visibilidade ao novo torneio que surgia na onda das transformações: a Premier League, em 1992. Esses acontecimentos, respondendo aos interesses mercadológicos, serviram estrategicamente como forma de recalçamento da imagem das décadas anteriores, associadas à violência, para aquela de um evento asséptico e espetacularizado, proporcionando que as grandes marcas multinacionais investissem pesadamente no torneio.

O futebol inglês na era da mercantilização pós-Thatcher criou uma nova mentalidade nos clubes, que agora buscam alavancar seus lucros encarando o esporte como uma indústria do entretenimento. Esse novo paradigma produz alguns fenômenos incomuns, tais como o fato de a maior parte dos proprietários dos clubes de elite do futebol inglês ser estrangeiro, e grande parte destes donos não possuir nenhuma relação afetiva anterior com o futebol. Nesse cenário de discursos modernizantes e maximização das marcas, o West Ham encontrou uma forma de se mudar de seu antigo estádio, no mesmo terreno desde 1904 no bairro de Newham, com capacidade para aproximadamente 35.000 torcedores.

Com capacidade para quase 60.000 pessoas, o Estádio Olímpico de Londres, construído para os jogos de 2012 a um valor de aproximadamente 700 milhões de libras, ficaria sem utilização definida após o evento. Com isso, os dirigentes do West Ham decidiram iniciar negociações com os responsáveis pelo estádio para seu arrendamento por valores, no entendimento do clube, vantajosos. Para os dirigentes e torcedores que defendem a ideia da modernização, catapultando o clube a um novo patamar, essa

mudança para um estádio de maior capacidade permitiria aumentar a arrecadação na temporada, tornando a equipe mais competitiva nos campeonatos e aumentando sua visibilidade no universo mercantilizado do futebol, cuja presença dos clubes ingleses é marcante em todo o globo. Inclusive Arséne Wenger, técnico do arquirrival Arsenal (clube que já havia feito sua mudança de estádio em 2006), fez algumas declarações ao jornal *The Guardian* acerca desse movimento de mudança do adversário:

Eles fizeram um bom negócio, negociaram muito bem. [...] Quando você olha 20 anos atrás para quando eu cheguei, o número de proprietários era todo local. Se você olhar como isso mudou em 20 anos, então você acha que o West Ham poderia seguir o mesmo caminho (HYTNER, 2016. Tradução dos autores).

O mesmo veículo, dias depois, coloca em sua manchete: “Como o West Ham fechou o acordo do século com o movimento do Estádio Olímpico”, fazendo elogios à argúcia do diretor David Gold para fechar esse acordo que é considerado pelo jornal uma “vitória retumbante fora de campo” (GIBSON, 2016. Tradução dos autores). O mesmo dirigente afirmou ao referido jornal, em 09 de maio de 2016, que essa “é uma oportunidade única na vida [...]. Tente pensar em outra oportunidade”, justificando a transferência para o Estádio Olímpico pela facilidade nas taxas, pela possibilidade de arrecadação num equipamento com maior capacidade e por evitar que um elefante branco não surja na cidade, beneficiando o contribuinte. O terreno de Upton Park foi vendido por 35 milhões de libras para a Galliard Homes, empreiteira que construiu um condomínio residencial de 838 unidades (STEINBERG, 2016. Tradução dos autores).

Por uma visão institucional, portanto, aparece com força o discurso de uma chance irrefutável para alavancar as pretensões do clube, porém apresentando os efeitos colaterais desse evento, como fica expresso no *Guardian* ao apontar que “o potencial do movimento do Estádio Olímpico é evidente, mas as memórias e a história deixadas no

Boleyn Ground e algumas das tradições e negócios que ele afeta não podem ser replicadas em sua nova casa” (GIBSON, 2016. Tradução dos autores).

Essa mudança não passaria sem contrapontos. Nessa mesma reportagem, de Owen Gibson, diferentes perspectivas são abordadas para entender a mudança. De um lado, o jornal apresenta Richard Nathan, da tradicional lanchonete Nathan's Pies and Eels, um dos pontos de reunião dos torcedores em dias de jogos desde 1938, faz críticas às assimetrias entre as promessas e ações dos donos do clube. Para ele, os responsáveis não se reuniram com os locais afetados pela mudança e nem houve qualquer menção de ajuda da parte do West Ham. Nathan argumenta que “disseram-nos que éramos parte integrante de uma jornada, mas nada chegou a acontecer [...]. Temos pais trazendo seus filhos para torta e purê, como eles faziam. É uma coisa que você faz das gerações” (Ibidem)

Nas aspas de Nathan aparece, tal como no caso do San Lorenzo, o componente das transmissões intergeracionais dos pequenos rituais extramuros vinculados ao estádio enquanto ponto de referência. Também as lembranças do torcedor Pete May expõem as circunstâncias geracionais que perpassam sua vida, com situações familiares festivas e dramáticas, e que tiveram como palco outro estabelecimento associado ao estádio:

No Ken's Cafe, Carol atrás do balcão sempre tinha uma palavra para as minhas filhas enquanto elas pegavam seus ingressos numerados [...]. No Boxing Day 2006, eu levei meu pai, então com 80 anos, para sua derrota em casa contra o Portsmouth e ele ficou chorando em Ken's Cafe pensando em Bobby Moore saindo do túnel do jogador e minha mãe que havia morrido alguns meses antes (MAY, 2015. Tradução dos autores).

Enquanto isso, numa visão institucional preocupada com as possibilidades de reestruturação econômica e urbana de East End, o West Ham preferiu se concentrar nas oportunidades oferecidas por essa mudança, sendo uma "única na vida para a

regeneração não de uma, mas duas áreas do leste de Londres", além de acrescentar a oportunidade de “mais de 700 novos empregos”, proporcionando um “enorme impulso para as empresas locais” (GIBSON, 2016. Tradução dos autores).

Esse conflito de visões e expectativas acerca dos impactos, positivos e negativos, da transferência para o Estádio Olímpico fica ainda mais evidente numa coletânea de narrativas de torcedores publicada pelo The Guardian, cujo título traz o diagnóstico de um torcedor: “algo insubstituível está sendo perdido” (ROSENBERG, 2016. Tradução dos autores). Percebe-se, assim, um conjunto heterogêneo de posicionamentos, desde aqueles que fazem um coro entusiasmado com o pensamento dos dirigentes, passando por atitudes mais resignadas com esse momento, até os mais críticos à mudança. O torcedor John Tyler, por exemplo, afirma que “eu amo o Boleyn por causa de todas as lembranças maravilhosas que tenho, mas para competir precisamos de mais capacidade – e o Estádio Olímpico em Stratford nos dá isso” (Ibidem). Na mesma perspectiva, Lee Butler diz que “o movimento do Estádio Olímpico é uma oportunidade única na vida e é bom demais para perder. Vou sentir falta do barulho e do cheiro do Boleyn. Dito isto, chegar em casa de Upton Park é uma dor. A logística em Stratford é incrível” (Ibidem). Para o torcedor Michael, “a mudança levará algum tempo para se acostumar, mas o clube irá progredir” (Ibidem). Progresso também é o que inspira as palavras de Lawrence Lee, para quem “o movimento do estádio pode ser a coisa que catapulte o West Ham para a elite do futebol. E Stratford é muito mais fácil de chegar do que Upton Park” (Ibidem).

Nesses exemplos mencionados é possível notar uma estrutura discursiva similar àquela de David Gold, isto é, o entusiasmo com as potencialidades do novo estádio suplanta a lamentação pela saída de Upton Park. Contudo, há posicionamentos mais

críticos, como o de Mark Joyce, menos entusiasmado com a mudança: “é claro que novos ritmos e rotinas se desenvolverão em torno do Estádio Olímpico e as coisas deverão ir em frente. Mas para mim e centenas de milhares de outros para quem o West Ham é sinônimo de Upton Park, algo insubstituível está sendo perdido” (Ibidem). Além de Mark Joyce, a coletânea do jornal traz um posicionamento ainda mais incisivo, como o de Billy Bowring, ao asseverar que

[...] o West Ham é um clube de futebol que sempre tomou seu oxigênio de uma área de Londres que valoriza a tradição. Não há dúvida de que mudar para o Estádio Olímpico é um afastamento dessa tradição. As empresas locais que se alimentaram por gerações aos sábados na Green Street estão sendo deixadas para trás. O Boleyn está sendo transformado em moradia inacessível. Não haverá sinais físicos marcando este canto de Newham que o West Ham esteve lá. Eu só espero que esse movimento não seja à custa das pessoas e da história que fizeram deste clube algo que eu sempre tive orgulho de apoiar (Ibidem).

As palavras de Bowring indicam uma preocupação com as consequências indelévels para o conjunto de práticas sociais que gravitam em torno do estádio, alimentando a ideia de um esgarçamento da comunidade de torcedores, sentimento que atravessa o mundo atual, em que os grupos buscam a segurança e a retomada de uma ideia de tradição diante dos acontecimentos globais (cf. BAUMAN, 2003). Nessa linha argumentativa, Daniel Taylor assina uma matéria na qual defende a tese de que a saída do West Ham de Upton Park é o sintoma de um processo que atinge as bases fundamentais do futebol inglês, o fim da era de uma concepção de estádios. No subtítulo da reportagem, Taylor acredita que “os campos de futebol refletem a alma da comunidade e seu desaparecimento de locais históricos em todo o país atinge o coração do jogo” e que, com as exigências pela modernização do futebol inglês, “trinta e seis dos 92 clubes mudaram de campo nos últimos 20 anos e em breve estará mais perto de um em cada dois” (TAYLOR, 2015. Tradução dos autores).

Portanto, é comum notar uma preocupação que não se direciona apenas ao estádio em si, mas para os efeitos sociais de sua saída daquela região da cidade. Uma preocupação registrada em imagens por Marcus Drinkwater, que fotografou lugares e pessoas impactados pela demolição do estádio. Além do registro da lanchonete Nathan's Pies and Eels, Drinkwater apresenta um casal de idosos, George e Elsie, frequentadores do Clube dos Trabalhadores em East End, próximo ao desativado estádio. Em sua fala, George não esconde seu desconforto e lamentação com as mudanças apressadas pelas quais têm passado a cidade e a região, afetando locais tradicionais no entorno de Upton Park: “oh, isso vai fechar. Eu fui um membro da vida desse clube, agora mais pessoas estão morrendo. Estamos apenas caminhando devagar agora” (COOMES, 2017. Tradução dos autores).

O tabloide The Sun acompanhou a torcedora Maureen Hankin em sua despedida do estádio meses após o último jogo ali realizado, contra o Manchester United em 10 de maio de 2016. Segundo Hankin, “não poderia vir antes – havia muita história, isso não parecia certo [...]. Eu só queria me despedir da velha. Stratford [o novo estádio] não é nossa casa, mas os proprietários têm a responsabilidade de fazê-lo funcionar”. As ponderações de outra torcedora, Sarah Crowson, uma das funcionárias da equipe do bar The Boleyn, evidenciam o sentimento de perda: "Fui ao Estádio Olímpico e queria chorar – era como estar em um teatro ao ar livre. Você poderia até comprar pipoca. Eu sou a favor de mudar, mas mudar para melhor. Esta é a casa de West Ham. Aqui" (ASHTON, 2016. Tradução dos autores).

As palavras de David Rosenberg, apresentadas no Guardian de 10 de maio de 2016, parecem sintetizar o sentimento dos torcedores menos entusiasmados com a mudança do clube. Relembrando as experiências e sensações vividas em Boleyn

Ground, como “as tampas planas, as arquibancadas próximas ao campo e um vendedor de programa com o risco de gotejamento ameaçador no nariz”, o autor chega à conclusão de que, como estampado no título, “o rugido nunca será o mesmo daquele de Upton Park quando nos agitarmos em torno do novo estádio” (STEVENS, 2016. Tradução dos autores).

Por outro lado, defendendo-se dos discursos de lamento pela mudança e dos seus desdobramentos simbólicos e materiais por parte daqueles que possuem laços de afeto e também de negócios envolvendo o antigo estádio no bairro, a vice-charmain do clube Karren Brady rebate com a justificativa de que “nós ficamos dentro do nosso bairro. Não é como se mudássemos 15 milhas, movemos uma milha e meia. Todo o trabalho que fazemos está focado no bairro de Newham agora, como era quando estávamos no antigo estádio. Nada mudou. Está integrado” (WHITE, 2017. Tradução dos autores). Na mesma reportagem, Brady alega que os coproprietários do clube possuem uma ligação com o território em questão, assim como os torcedores.

O clube, na última temporada, fez a estreia no seu novo estádio e, concomitantemente, realiza o desmonte do antigo Boleyn Ground, inclusive com reações inesperadas dos torcedores, que arrancaram os assentos e painéis para guardar como suvenires, conforme apresentado pelo jornal *The Independent* de 11 de maio 2016 (Cf. RICE, 2016). Sinal dos tempos de uma realidade em que os clubes ingleses agarram-se a uma lógica empresarial para tentar sobreviver nesse campo de disputas e exigências de um futebol mercantilizado.

Esse fenômeno, ancorado em numa narrativa da modernização irrefreável, fica explícito nas pesadas críticas após as cenas de violência assistidas fora do estádio antes da última partida ali realizada. Aproveitando essa ocorrência – comum nos tempos do

hooliganismo, porém não completamente extinta com a modernização dos estádios a partir dos anos 1990 –, o jornal *The Independent* endossa o posicionamento dos dirigentes pró-mudança e assevera no título da matéria que “o campo Boleyn é uma relíquia do passado, infelizmente o comportamento selvagem dos fãs do West Ham nunca será” e reforça sua narrativa ao apontar que “uma mudança para o Estádio Olímpico reduzirá as chances de incidências como o ônibus da equipe do Manchester United sendo atacado novamente, mas um idiota sempre será um idiota, qualquer que seja o time que eles apoiem” (OGDEN, 2016. Tradução dos autores).

Nenhuma alteração nas dimensões material e simbólica se realiza sem o embate entre os sujeitos e grupos sociais atingidos, seja no plano discursivo, ou até mesmo, nos casos mais radicais, em confrontos físicos, tal como ocorrido na partida contra o Watford no novo estádio, que, de acordo com *Guardian* de 17 de setembro, tem sido caracterizado como um “confronto entre o futebol novo e o futebol antigo” (GIBSON, 2016. Tradução dos autores).

Ainda que essa explicação contenha certos reducionismos, tal fato expõe a formação de um campo de conflitos atravessado por visões diversas acerca dessa transferência de um estádio de 104 anos de existência num mesmo território para um espaço mais moderno com novos códigos de torcer. Nota-se de fato uma disputa entre os partidários da ideologia do progresso (aqueles que se convenceram da necessidade de se mudar para o novo estádio como parte de uma visão para transformar o West Ham em um dos maiores clubes de Londres) e os torcedores mais refratários às mudanças, críticos de uma ruptura tão radical com o território de afeto, de sentido de pertencimento e de práticas sociais, sobretudo em dias de jogos, recorrendo às memórias de lamentação que são contextualizadas com discursos de perdas simbólicas (o

esfacelamento da comunidade e das redes de sociabilidade circunscritas ao estádios) e materiais (a memória dos lugares que se ligam ao estádio). Nesse caso, a análise do real indica pares contrastantes entre a racionalidade da sociedade global que faz o clube recorrer a esse tipo de estratégia de sobrevivência num cenário de financeirização do futebol (com predominância para o inglês) e a afetividade coletiva que sofre um processo de corte na tradição dos rituais associados ao território e suas instituições.

Considerações Finais

Esse trabalho procurou analisar como os territórios onde se encontram os clubes San Lorenzo e West Ham podem ser celebrados, por seus atributos identitários, relacionais e históricos, e compreender as formas pelas quais os torcedores destes dois clubes imprimem suas marcas e valores de vida comunitária apreendidos, compartilhados e renovados ao longo das gerações e nos modos de apropriação do território se apresentam como elementos de reação cotidiana. Em outras palavras, como consequência de uma sociedade em permanente aceleração de seus processos globais de achatamento das distâncias e esvaziamento das temporalidades históricas – características largamente difundidas nos principais centros do futebol – estampa-se como contraponto seus receios pela perda, destruição e esquecimento de instituições, monumentos, manifestações rituais e outros domínios da existência coletiva.

Diante do exposto, as narrativas e expectativas depositadas sobre esses espaços (os estádios e seus territórios circundantes) não formam uma manta inteiramente consensual, sendo esse quadro melhor compreendido a partir de conflitos de memórias e discursos de acordo com suas demandas: sobre o que foi seu passado, sobre o que deveria ser seu desenvolvimento presente e sobre o que poderá ser seu futuro, fazendo

florescer narrativas e trabalhos memoriais que operam de acordo com suas ambiências sociais.

Por um lado, o retorno do San Lorenzo, por meio de um alto de grau de organização dos torcedores pela restituição do estádio em Boedo, encontra-se no bojo das reivindicações e discursos públicos contra o terrorismo de estado que assolou a Argentina entre 1976-1983, período em que o clube se sentiu forçado a se desfazer do seu estádio; por outro, a partida do West Ham é o resultado paroxístico do modelo neoliberal espreado pela sociedade britânica em geral e no futebol inglês em particular, a partir do final dos anos 1980, momento a partir do qual os clubes do país mergulharam de cabeça na era da mercantilização da estrutura do futebol inglês, realçando o cenário que Harvey (2005) define como “produção capitalista do espaço”.

Com isso, ativar as lembranças em conjugação ao território usado e vivido transforma-se em estratégia de valorização dos princípios culturais de identificação social e sentido de pertencimento local, uma luta pelos seus modos de existência num mundo que parece mais desorientar do que apresentar um horizonte explicativo. Nos dois polos do futebol abordados neste trabalho, as lutas e conflitos deixam entrever que estes territórios estão atravessados por valores simbólicos, materiais, éticos, afetivos e até mesmo espirituais, uma condição indispensável para a existência social dos grupos (c.f. BONNEMAISON; CAMBRÉZY, 1997). Os estádios, assim, tornam-se pontos de referência onde investimentos afetivos são produzidos e depositados pelas coletividades a partir de algumas práticas, demarcando assim suas formas de comunicação e sociabilidades mais amplas do que os laços familiares.

Portanto, os estádios e suas áreas circundantes estruturam-se como “espaços de recordação” (cf. ASSMAN, 2011), aqueles lugares onde sucederam eventos que

marcaram gerações, pontos que se tornaram lugares de memória, de peregrinação, de veneração, de encenações rituais, enfim, os lugares de existência onde linhas de afeto se cruzam num ambiente específico e formam uma ideia de comunidade de sentimento, sem com isso sombrear os embates discursivos. Num sentido mais amplo, esses espaços mediadores evidenciam que a memória não é apenas uma “bagagem” na qual são depositados elementos já dados por um passado substancial, mas uma esfera dentro da qual os indivíduos e grupos envolvidos se comunicam e vivem sua realidade concreta, apropriando-se de formas múltiplas da memória para atender as demandas do tempo presente, sejam elas em nome da mobilização pelo retorno ou da lamentação pela partida.

REFERÊNCIAS

ALABARCES, Pablo. **Fútbol y patria**: el fútbol y las narrativas de la nación em la Argentina. Buenos Aires: Prometeos, 2002.

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.). **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p 9-23.

ASHTON, Neil. ‘This is West Ham’s home. Here’ – old Boleyn Ground and surrounding area has had its bubble burst. **The Sun**, 04 out. 2016, Londres. Football. Disponível em: <http://www.thesun.co.uk/sport/football/1912399/this-is-west-hams-home-here-old-boleyn-ground-and-surrounding-area-has-had-its-bubble-burst/> . Acesso em: 02 maio 2017.

ASSMAN, Aleida. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BALE, John. **Sports Geography**. 2nd ed. London: Routledge, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BERALDO, N. ¡A Boedo vuelvo! **Olé**, Buenos Aires, 16 nov. 2012. San Lorenzo. Disponível em: http://www.ole.com.ar/san-lorenzo/Boedo-vuelvo_0_811718904.html . Acesso em: 15 abr. 2017.

BONNEMAISON, J. e CAMBRÈZY, L. **Le lien territorial**: entre frontières et identités. Géographies et Cultures. Le Territoire, n. 20. Paris: L'Harmattan, 1997.

CARREFOUR niega vínculos con la dictadura y negociará con San Lorenzo. **La Nación**, Buenos Aires, 17 nov. 2012. Deportes. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/1527774-carrefour-niega-vinculos-con-la-dictadura-y-negociara-con-san-lorenzo> . Acesso em: 16 abr. 2017 .

COOMES, Phil. Hammering down a stadium and community. **BBC News**, Londres, 10 jan. 2017. In Pictures. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/in-pictures-38517448> . Acesso em: 02 mai. 2017.

CRITCHER, Chas. “Sociology, cultural studies and the post-war working class”. In: Clarke *et al.* **Working Class Culture**: Studies in History and Theory. Londres: Hutchinson, 1979, pp. 13-40.

DADOS vueltas. **Olé**, Buenos Aires, 14 dez. 2016. San Lorenzo. Disponível em: http://www.ole.com.ar/san-lorenzo/Dados-Vueltas_0_1705029609.html . Acesso em 15 abr. 2017.

“És más fácil el estadio que la ley”. **Olé**, Buenos Aires, 14 dez. 2016. San Lorenzo. Disponível em: http://www.ole.com.ar/san-lorenzo/titulo_0_1705029519.html . Acesso em: 15 abr. 2017.

FRYDENBERG, Julio. Os bairros e o futebol na cidade de Buenos Aires de 1930. Cad. **AEL**, v.16, n.28, 2010.

GIBSON, Owen. How West Ham struck the deal of the century with Olympic Stadium move. **The Guardian**, Londres, 14 abr. 2016. Sport. Disponível em: <http://www.theguardian.com/football/2016/apr/14/west-ham-deal-century-olympic-stadium> . Acesso em: 02 maio 2017.

GIBSON, Owen. West Ham know Stratford makes sense but Upton Park goodbye will be hard. **The Guardian**, Londres, 06 maio 2016. Sport. Disponível em: <http://www.theguardian.com/football/2016/may/06/west-ham-olympic-stadium-move-upton-park> . Acesso em: 02 maio 2017.

GIBSON, Owen. West Ham’s home discomforts risk bursting bubble around new ground. **The Guardian**, Londres, 17 set. 2016. Sport. Disponível em: <http://www.theguardian.com/football/2016/sep/17/west-ham-olympic-stadium-troubles> . Acesso em: 02 maio 2017.

GORELIK, Adrián. **El color del barrio**: mitología barrial y conflicto cultural en la Buenos Aires de los años veinte. Variaciones Borges, nº8, University of Aarhus, Dinamarca, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **Neoliberalismo como Destruição Criativa**. INTERFACEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente 2 (4). Tradução, Agosto de 2007

HELAL, Ronaldo. A morte e o mito: as narrativas da imprensa na cobertura jornalística da morte de Ayrton Senna. In: **Destinos da cidade: comunicação, arte e cultura**. Ricardo Freitas e Rafael Nacif (Org). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p. 47-62.

HYTNER, David. Arsène Wenger: West Ham have ‘won the lottery’ with Olympic Stadium. **The Guardian**, Londres, 08 abr. 2016. Sport. Disponível em: <http://www.theguardian.com/football/2016/apr/08/arsene-wenger-west-ham-olympic-stadium-arsenal> . Acesso em: 02 maio 2017.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

_____. **Culturas do passado-presente: modernismo, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memorias**. Madri: Siglo XXI de España editores, 2002.

LA Legislatura aprobó la vuelta a Boedo. **Clarín**, Buenos Aires, 15 nov. 2012. Deportes. Disponível em: http://www.clarin.com/deportes/legislatura-aprueba-vuelta-boedo_0_HyiH99poD7l.html . Acesso em: 15 abr. 2017.

LA Legislatura porteña aprobó la vuelta de San Lorenzo a Boedo. **La Nación**, Buenos Aires, 16 nov. 2012. Deportes. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/1526899-el-sueno-de-volver-a-boedo-se-adelanto-una-semana-en-la-legislatura> . Acesso em 15 abr. 2017.

LIFSCHITZ y GRISALES. **Memoria política y artefactos culturales**. Estudios Políticos, 40, Instituto de Estudios Políticos, Universidad de Antioquia, 2012, p. 98-119.

LO salva la gente. **Olé**, Buenos Aires, 08 mar. 2012. San Lorenzo. Disponível em: http://www.ole.com.ar/san-lorenzo/Hace-fuerza_0_659934341.html . Acesso em: 15 abr. 2017.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

MAY, Pete. Farewell West Ham’s old ground – and a piece of my family history. **The Guardian**, Londres, 26 set. 2015. Lifestyle. Disponível em: <http://www.theguardian.com/lifeandstyle/2015/sep/26/farewell-west-hams-old-ground-and-a-piece-of-my-family-history> . Acesso em: 03 mai 2017.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. Memórias migrantes e temporalidade. In: **Horizontes da memória**. Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, abr.-jun, n.153, 2003. p. 45-54.

NOVILLO, Pablo. Identidad Barrial. San Lorenzo en Boedo: una idea con polémica para vecinos y urbanistas. **Clarín**, Buenos Aires, 13 out. 2015. Ciudades. Disponível em: http://www.clarin.com/ciudades/san_lorenzo-boedo-idea-polemica-vecinos-urbanistas_0_rk8xgaWKwXg.html . Acesso em: 16 abr. 2017.

OGDEN, Mark. The Boleyn ground is a relic of the past, unfortunately the loutish behaviour of West Ham fans never will be. **The Independent**, Londres, 11 mai. 2016. Sport. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/sport/football/premier-league/the-boleyn-ground-is-a-relic-of-the-past-unfortunately-the-loutish-behaviour-of-west-ham-fans-never-a7024581.html> . Acesso em: 04 maio 2017.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 299. p. 200-212.

RICE, Simon. West Ham fans rip seats and hoardings from Boleyn Ground to take as souvenirs. **The Independent**, Londres, 11 mai. 2016. Sport. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/sport/football/premier-league/west-ham-fans-rip-seats-and-hoardings-from-boleyn-ground-to-take-as-souvenirs-a7024006.html> . Acesso em: 04 maio 2017.

ROSENBERG, David. 'The roar will never be same as at Upton Park when we rattle around new stadium'. **The Guardian**, Londres, 10 mai. 2016. Sport. Disponível em: <http://www.theguardian.com/football/2016/may/10/roar-upton-park-new-stadium-west-ham-united-fan-boleyn-ground> . Acesso em: 03 mai. 2017.

STEINBERG, Jacob. West Ham's Olympic Stadium deal benefits taxpayer, claims David Gold. **The Guardian**, Londres, 09 mai. 2016. Sport. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2016/may/09/west-ham-unitd-olympic-stadium-david-gold>. Acesso em 03 mai. 2017.

STEVENS, Tom. 'Something irreplaceable is being lost': West Ham fans pay tribute to Upton Park. **The Guardian**, Londres, 10 mai. 2016. Sport. Disponível em: <http://www.theguardian.com/football/2016/may/10/west-ham-fans-pay-tribute-boleyn-ground-upton-park> . Acesso em: 03 maio 2017.

TAYLOR, Daniel. Boleyn becomes bygone: West Ham's Upton Park upheaval a sign of the times. **The Guardian**, Londres, 28 nov. 2015. Sport. Disponível em: <http://www.theguardian.com/football/blog/2015/nov/28/west-ham-upton-park-boleyn-ground-move-olympic-stadium> . Acesso em: 04 maio 2017.

TAYLOR, Lord Justice. **Hillsborough Stadium Disaster Inquiry**. London: HSMO, 1990.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

UN proyecto que pide una "restitución histórica". **La Nación**, Buenos Aires, 11 mar. 2012. Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/1455665-un-proyecto-que-pide-una-restitucion-historica> . Acesso em: 14 abr. 2017.

UNA multitud para reclamar el histórico regreso a Boedo. **Clarín**, Buenos Aires, 08 mar. 2012. Deportes. Disponível em: http://www.clarin.com/deportes/impactante-hinchas-san-lorenzo-boedo_0_BkP7vKUhPXe.html . Acesso em: 15 abr. 2017.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a História**: Foucault revoluciona a História. 4. ed. Brasília: Editora da UnB, 2008.

WHITE, Jim. Exclusive: 'Most people don't like change' - Karren Brady insists West Ham's stadium move is reaping global benefits. **The Telegraph**, Londres, 04 mar. 2017. Sport. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/football/2017/03/04/people-dont-like-change-karren-brady-insists-west-hams-stadium/> . Acesso em: 04 maio 2017.

Endereço dos Autores:

Pedro Jorge Lo Duca Vasconcellos
Av. Pasteur, 458 – Urca
Rio de Janeiro – RJ – 22.290-240
Endereço Eletrônico: pedromirok@gmail.com

Andréa Lopes da Costa Vieira
Av. Pasteur, 458 – Urca
Rio de Janeiro – RJ – 22.290-240
Endereço Eletrônico: andrea.lcosta@uol.com.br

Jéssica Maria de Vasconcellos Santana Hipolito
Av. Pasteur, 458 – Urca
Rio de Janeiro – RJ – 22.290-240
Endereço Eletrônico: jess.hipolito@gmail.com

José Jairo Vieira
Avenida Pasteur 250 fundos, sala 234 – Campus da Praia Vermelha
Rio de Janeiro – RJ – 22.290-902
Endereço Eletrônico: jairo.vieira@uol.com.br